

## **A RELAÇÃO ENTRE O PÓS-ESTRUTURALISMO E A ANALÍTICA QUEER – A DESCONSTRUÇÃO DO SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE**

**JOSÉ VITOR PALHARES DOS SANTOS**  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
titopalhares@hotmail.com

## ÁREA TEMÁTICA: ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

### A RELAÇÃO ENTRE O PÓS-ESTRUTURALISMO E A ANALÍTICA *QUEER* – A DESCONSTRUÇÃO DO SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE

#### RESUMO

A partir de questões como relações sociais de sexo, estigma e a representação de discursos de resistência frente aos discursos hegemônicos, este ensaio teórico tem por objetivo descrever, a partir da epistemologia pós-estruturalista, como a analítica *queer* enxerga essas questões e as relaciona com o processo de constituição do indivíduo, que no contexto pós-estruturalista é visto como fragmentado e descentralizado. Trata-se de uma interpretação relevante dentro dos Estudos Organizacionais, que também explora interfaces em contrapartida ao *mainstream* da Administração, uma vez que a sociedade contemporânea ainda é permeada por inúmeros discursos segregacionistas, homogêneos e normatizadores, que visam a manutenção de certas majorias no poder. Por meio dessa análise, pode-se não só auxiliar o processo de emancipação de indivíduos subjulgados e excluídos, como também romper com os ranços históricos presentes na nossa sociedade, os quais, muitas vezes, fortaleceram e fortalecem a ideologia acerca da questão do sexo pautado no conceito binário de gênero. Perspectivas como a analítica *queer* provocam e perturbam as formas convencionais de pensar e de conhecer, e, por essa razão, podem ser uma das ferramentas para a construção de um saber libertador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-estruturalismo, Analítica *Queer*, Desconstrução.

### THE RELATION BETWEEN POST-STRUCTURALISM AND ANALYTICAL *QUEER* – THE DECONSTRUCTION OF THE SUBJECT IN POST-MODERNITY

#### ABSTRACT

From issues such as social relations of gender, stigma and representation of discourses of resistance against the hegemonic discourses, this theoretical essay aims to describe, from the post-structuralist epistemology, how the queer analytical sees these issues and relates them with the individual's constitution process, which in the post-structuralist context is seen as fragmented and decentralized. This is a relevant interpretation within the Organizational Studies, because also explores interfaces in contrast to the mainstream of Business Management, once that contemporary society is still permeated by numerous segregationist, homogeneous and standard-setting discourses, which aimed at maintaining of the certain majorities in power. From this analysis, one can not only assist the process of emancipation of subjulgados and excluded individuals, but also break with the historical prejudices in our society, which often strengthened and still strengthen the ideology about the issue of sex oriented by binary concept of gender. Approaches, like queer analytical, provoke and disturb the conventional ways of thinking and knowing, and, therefore, may be one of the tools for building a liberator knowledge.

**KEYWORDS:** Post-structuralism, Queer Analytics, Deconstruction.

## INTRODUÇÃO

A partir do fim do século XIX, inúmeras mudanças marcam a cultura ocidental, a qual passa por transformações nas artes, na política, na economia, na cultura, entre outras áreas, o que caracteriza o surgimento de um período denominado pós-modernidade (PETERS, 2000). Entretanto, ao falar dessa terminologia, no caso, pós-modernidade, Souza (2012) cita Jameson (1991) e Harvey (1992) para colocar que, por ser complexa a elaboração de uma definição desse termo na análise de trabalhos no campo da sociologia, os estudos organizacionais não apresentam uma definição dele de modo inquestionável.

Diante disso, pode-se definir que a pós-modernidade compreende uma época histórica caracterizada por modificações em relação ao período moderno e está ligada diretamente a modernidade, devendo ser compreendida como uma ontologia (SOUZA, 2012), um período de tempo, um *ethos*, que abarca inúmeras epistemologias, tais como o feminismo, o marxismo, o estruturalismo, o pós-estruturalismo, entre outros (PETERS, 2000). E, apesar de o termo pós-modernidade gerar algumas divergências no campo dos estudos organizacionais, naquilo que concerne a sua definição, é importante destacar que, no contexto desse ensaio teórico, falar-se-á sobre essa questão, mas não com profundidade, uma vez que o foco deste estudo é a interpretação da analítica *queer* a partir do pós-estruturalismo, que trata-se de uma corrente epistemológica que emergiu na pós-modernidade.

Sendo assim, é importante salientar que este trabalho é influenciado por autores pós-estruturalistas franceses, como Foucault (1984) e Derrida (1995), os quais influenciaram na elaboração da analítica *queer*, descrita a partir de ensaios elaborados por Louro (2004), e de textos pós-estruturalistas atuais como os de Peters (2000), Miskolci (2009), Souza e Carrieri (2010), Souza (2012) e Souza *et al.* (2013), os quais também serão utilizados como suporte teórico desse estudo. Ou seja, será feita uma interpretação da analítica *queer*, partindo do princípio que, sendo ela pós-estruturalista, deve ser concebida como uma analítica e não teoria, tendo como ponto de partida a interpretação do sujeito, interrogando a forma como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas (MISKOLCI, 2009).

Dentro do contexto pós-estruturalista, surge a teoria “*queer*”, que pode ser compreendida, sob a perspectiva de Souza e Carrieri (2009), como uma analítica que observa a fragmentação a partir de uma visão alternativa para maior interação na edificação das práticas organizacionais, interpretando e levando em consideração as relações de poder (FOUCAULT, 1996), que se estabelecem nos ambientes de trabalho, práticas opressivas direcionadas à sexualidade e, principalmente, os mecanismos da sexualidade e do trabalho.

Assim, o presente estudo mostra-se relevante, pois demonstra a necessidade de revelar a invisibilidade de algumas minorias, as quais, muitas vezes, demonstram seu reflexo a partir da interiorização do estigma (SARAIVA E IRIGARAY, 2009). Além disso, trata-se de uma interpretação relevante dentro dos Estudos Organizacionais, que também explora interfaces em contrapartida ao *mainstream* da Administração, uma vez que a sociedade contemporânea ainda é permeada por inúmeros discursos segregacionistas, homogêneos e normatizadores, que visam a manutenção de certas majorias no poder.

Desse modo, a partir de questões como relações sociais de sexo, identidade e estigma, bem como a representação de discursos de resistência frente aos discursos hegemônicos, esse trabalho tem como objetivo descrever, a partir da epistemologia pós-estruturalista, como a analítica *queer* enxerga essas questões e as relaciona com o processo de constituição do indivíduo, que no contexto pós-estruturalista é visto como fragmentado e descentralizado.

Para tanto, a partir de um levantamento bibliográfico, além desta introdução, esse ensaio está estruturado em outras quatro seções. A segunda seção descreve a conceituação de pós-estruturalismo e a sua origem, seguida pela apresentação, no terceiro tópico, da analítica *queer*. A quarta seção refere-se à interpretação da relação da analítica *queer* com o pós-estruturalismo e sua importância para a constituição dos sujeitos. E, por fim, são feitas as considerações finais do ensaio teórico.

## **A ORIGEM DO PÓS-ESTRUTURALISMO E SUAS PERCEPÇÕES**

Segundo Souza (2012), as diferenças presentes entre as definições sobre o que é a pós-modernidade e o pós-estruturalismo ainda não estão bem estruturadas em trabalhos organizacionais sobre o tema, o que impulsiona ainda mais para possíveis interpretações equivocadas, por isso, antes de atribuir uma definição sobre o que é o pós-estruturalismo, faz-se necessário definir as bases que o constitui.

O pós-estruturalismo possui como objeto de estudo o estruturalismo, porém, apesar da proximidade dos nomes, o pós-estruturalismo ainda é confundido com o pós-modernismo e, apesar de haver algumas questões filosóficas e históricas comuns entre esses dois movimentos, ambos possuem objetos teóricos completamente distintos, sendo o primeiro o estruturalismo e o segundo o modernismo (PETERS, 2000).

O estruturalismo nos estudos organizacionais, sendo o objeto de estudo do pós-estruturalismo, sofreu grande influência pela área da Linguística, principalmente por Jakobson (2003), e tem como base a ideia de que existe uma estrutura que é própria do indivíduo, não levando em consideração a ação dos sujeitos diante das mesmas (PETERS, 2000), ou seja, a principal finalidade de uma interpretação estruturalista é entender o que existe de universal no homem, que possa ser observado e apreendido pelo saber científico, isto é, uma das contribuições mais significativas do estruturalismo para a filosofia e ciências humanas é que a formalização, na epistemologia estruturalista, é interpretação (ARAÚJO, 1993).

Desse modo, Foucault (2000) coloca que o estruturalismo, como base do pós-estruturalismo, apresenta uma forte influência do formalismo europeu. Trata-se de uma contraposição as concepções Humanistas, uma vez que busca romper com a concepção de sujeito apresentada pelas correntes do Humanismo e do Existencialismo. Logo, por um lado, se essas duas correntes tendem a inserir o sujeito no cerne de sua interpretação e referencial teórico, por outro, o estruturalismo enxerga esses mesmos sujeitos como formados pela estrutura (PETERS, 2000).

Por isso, como uma epistemologia, Calás e Smircich (1999) afirmam que por ser o pós-estruturalismo compreendido como uma representação no campo do saber que surgiu no período pós-moderno, o mesmo deve ser descrito em consonância ao estruturalismo, já que esse também surgiu no mesmo período e o precede. Segundo Peters (2000), o estruturalismo foi, nesse período, uma parte de mudanças no campo da linguística, que teve sua base calcada no formalismo europeu do final do século XIX, estruturada por Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson.

O estruturalismo adentrou no campo da antropologia, da crítica literária, da psicanálise e de outras áreas, ou seja, trata-se de uma epistemologia que defendia ser a linguagem o centro da vida sócio-cultural do homem, considerada como um sistema semiótico e de auto-reflexo (PETERS, 2000). Por isso, ao abordar o pós-estruturalismo como uma corrente epistemológica, pode-se descrevê-lo como um movimento que se originou com a intenção de

responder questões filosóficas ao *status* científico do estruturalismo, que tinha como intenção tornar-se um megaparadigma nas ciências sociais (PETERS, 2000).

Dessa maneira, o pós-estruturalismo, apesar de levar em consideração a estrutura quanto aos sujeitos, busca torná-los fragmentados, e uma característica importante para o pensamento dessa epistemologia são os discursos, os quais são interpretados não como fala e escrita, mas também as vestes, a música, a arquitetura, a culinária, as práticas esportivas, isto é, variados sistemas de saber e poder (RAJAGOPALAN, 2006). Nesse contexto, Newman (2005) afirma que o pós-estruturalismo não refuta a ideia de que a subjetividade é construída de modo discursivo por situações exteriores à linguagem, mas não defende que haja uma estrutura padrão e essencialista, questionando a conceitos como unicidade, consistência e estabilidade, presentes na concepção estruturalista.

Então, ainda de acordo com Newman (2005), esse processo da desconstrução do modelo estruturalista pode ser feito de duas maneiras: concebendo a existência de discursos hegemônicos, que visam à manutenção das relações de poder, e, analisando conforme mencionado acima, a estrutura como algo indeterminado, instável e incompleta. Ao fazer referência à Derrida (1995), o autor aponta que a estrutura em si não possui essa unicidade e deve ser vista como algo fragmentado e incompleto, por isso, ao falar-se em pós-estruturalismo, deve-se pensar que o mesmo não concebe em seu âmago a ideia do essencialismo, nem a ideia de um modelo moral e racional pré-estabelecido e universal.

Calás e Smircich (1999) apontam que dentro do pós-estruturalismo é nítida a ocorrência de um processo de descentralização do sujeito que, ao contrário de ser algo originário, possui em sua subjetividade um movimento de duplo sentido caracterizado pela produção e efeito, o qual está presente em uma conexão complexa de narrativas e práticas que sofrem alterações. Logo, ao citar diretamente Guattari (1992), Souza *et al.* (2013) descreve que em uma concepção pós-estruturalista a subjetividade é plural, apoiando-se na expressão “polifônica”, não conhecendo nenhuma instância de condicionamento que leve a outras instâncias de condicionamento, segundo uma causalidade unívoca. Logo, nesse contexto, o próprio Guattari (1992) coloca que não se pode conceber o coletivo de forma segregada ao indivíduo, pois o coletivo não se trata de coisas dadas, mas se forma através de processos que se cruzam, construindo diferentes sentidos.

O pós-estruturalismo traz consigo uma outra questão que é o processo de problematização do sujeito, podendo ser essa questão encontrada em quase toda a obra de Michel Foucault. Nesse contexto, conforme descreve Souza *et al.* (2013), ao referenciar Foucault (2002), não pretende-se no pós-estruturalismo estudar as questões relacionadas com a estrutura, mas aquilo que concerne ao processo de problematização do sujeito. Não se analisa mais os comportamentos, a sociedade e suas ideologias, mas as problematizações por intermédio das quais o sujeito mostra-se enquanto um ser pensado e as diferentes práticas por meio das quais as problematizações acontecem, influenciando no processo de constituição do ser (FOUCAULT, 2002 *apud* SOUZA *et al.* 2013).

Diante disso, outro ponto fundamental na epistemologia pós-estruturalista é a rejeição ao binarismo e a concepção da sexualidade a partir das relações sociais de sexo, assunto esse que será abordado nos próximos tópicos, ao se falar sobre a visão pós-estruturalista em relação à analítica *queer*. Em outras palavras, o objetivo do pós-estruturalismo ao rejeitar o binarismo é pensar além da relação homem/mulher, demonstrando que essa relação não é apenas natural, mas oposições situadas dentro de um contexto histórico já construído. Assim, o sujeito não nega o diferente, mas aprende a negá-lo, sendo a aceitação da diferença o viés pelo qual o

indivíduo irá alcançar o seu processo de desconstrução e construção, atingindo a emancipação (DERRIDA, 1995).

Ao se falar em emancipação dentro do contexto pós-estruturalista, deve-se pontuar que essa epistemologia não leva em consideração grandes acontecimentos ou movimentos como as metanarrativas libertadoras ou as soluções universalizantes em sua essência, mas busca desconstruí-las e reinterpretá-las a partir do processo de re-significação, já que a universalização tende a anular o processo de subjetivação, pois não conduz o indivíduo para a emancipação (GUATARI, 1992). Por isso, é de grande relevância dentro dos estudos pós-estruturalistas, que o discurso hegemônico seja desconstruído, pois, conforme Laclau (2000), só haverá processo de hegemonia se a relação entre o universal e o particular for suprimida, já que o universal será sempre caracterizado por um conteúdo vazio e sempre será representado por algo oriundo do particular, isto é, para que o particular se torne homogêneo é necessário que ele seja capaz de unir a si todas as demais particularidades em torno de um interesse comum, sendo isso um ponto nodal para a sociedade e para o próprio indivíduo.

Além disso, segundo Souza *et al.* (2013), o projeto emancipatório proposto em alguns autores do pós-estruturalismo, como Guattari (1992), Rolnik (1997) e Foucault (2002), não pode ser entendido como o alcance da liberdade do homem das ideologias prejudiciais presentes em seu contexto social, pois, caso isso seja feito, nos leva a crer que, em algum período da história, o homem não sofria influência das relações de poder, e que os diferentes processos que o circundam acabaram o alienando, sendo que o processo de alienação não significa produção de uma falsa consciência, mas sim uma perda significativa em relação ao direcionamento que nos levaria ao bem estar da coletividade e dos resultados advindos da emancipação.

Nesse contexto, Mendonça (2008) aponta que o processo da universalização é algo que deve ser visto como incompleto e sem acabamento, sendo que só poderá haver a constituição do processo de hegemonia caso haja a presença de um significante vazio, conforme citado acima, que busque unificar os indivíduos de uma sociedade; logo, se o destino desse processo de emancipação estiver ligado ao rompimento com a constituição de discursos universais e hegemônicos prejudiciais, é por essa questão que a sociedade se tornará mais justa.

Portanto, pode-se dizer que a “emancipação é algo múltiplo, heterogêneo, processual, contingencial, sempre envolto por poder e em constante movimento” (SOUZA *et al.*, 2013, p. 211). Por isso, os autores definem que, dentro da epistemologia pós-estruturalista, não existe uma divisão ou separação entre aquilo que é universal e particular, já que a existência do universal depende do particular, e, sendo que a emancipação se trata de um processo e não de um fim em si e, por excluir o particular, é que o pós-estruturalismo não acredita em movimentos e metanarrativas libertadoras, assim como idéias universalizantes para o processo de constituição do sujeito.

## **A ANALÍTICA *QUEER* E O PROCESSO DA NORMALIZAÇÃO**

De acordo com Miskolci (2009), a analítica *queer* surge nos Estados Unidos em fins da década de 1980, tendo como base um processo de oposição aos diferentes estudos da Sociologia sobre as minorias sexuais e de relações sociais de sexo. Dessa maneira, o autor destaca que o diálogo entre essa teoria e essa disciplina ficou destacado por inúmeros estranhamentos, assim como por uma certa afinidade em relação ao entendimento sobre o fazer sexual visto como uma construção histórica e social.

Nesse período, os primeiros estudiosos dessa teoria recusam uma ideia minorizante de alguns sócios-antropólogos, conduzindo-se em direção a uma concepção que duvidasse dos pressupostos teóricos normalizadores que caracterizavam a Sociologia canônica (SEIDMAN, 1996 *apud* MISKOLCI, 2009). Por essa razão, pode-se dizer que a função da palavra *queer*, nesse contexto, não se veste de uma roupagem que tem como objetivo menosprezar os movimentos identitários, mas apontar de forma contundente e sistematizada as diferentes armadilhas do hegemônico em que estão alocados, contestando os regimes normalizadores (GAMSON, 1996).

Ao serem analisados os pressupostos de Jacques Derrida em relação ao conceito de complementaridade, e seu ponto de vista sobre a questão do processo da desconstrução, observa-se que, dentro da analítica *queer*, tem-se que essa complementaridade vem com o objetivo de mostrar e revelar que os significados são ordenados por meios diferentes em uma relação de pertencimento e não pertencimento, isto é, o que está fora está dentro e o que parece comum é histórico (DERRIDA, 2004).

Além disso, pode-se afirmar que a analítica *queer*, termo descrito por Miskolci (2009) em seu artigo “A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização”, coloca como ponto fundamental desse campo de estudo a necessidade de se estabelecer uma análise sobre as oposições binárias como a de hétero/homossexualidade, que são re-contextualizadas e retificadas pelos atos de significação, uma vez que o indivíduo encontra-se imerso em uma relação lógica do binarismo, na qual toda tentativa de rompimento com essa ideia acaba conduzindo-o e o reinscrevendo-o nesse mesmo contexto.

Por essa razão, a analítica *queer* compreende que tudo está diretamente relacionado com dispositivos históricos de poder, uma vez que esses dispositivos, dentro da visão de Foucault (1996), podem ser considerados como um agrupamento de discursos e práticas sociais distintas que estão presentes dentro de uma rede, estabelecendo-se e fortalecendo-se, a partir de diversos elementos como o moralismo, pressupostos científicos e até mesmo a própria literatura. Então, nesse contexto, vale afirmar que certos modos de dominação do indivíduo homossexual, principalmente aquele que faz parte do tempo presente, estarão diretamente imbricados com a insatisfação de outros homens em relação aos laços eróticos entre homens, sendo esse sentimento de insatisfação projetado na imagem estereotipada e estigmatizada do homossexual (SEDGWICK, 2007).

De acordo com Sedgwick (2007), os dinamismos dos modelos sociais contemporâneos não se separam dos modelos sexuais, isto é, existe uma estrutura que se caracteriza dentro de uma dualidade heterossexual/homossexual, porém com o objetivo de valorizar um e menosprezar o outro. Assim, valoriza-se a heterossexualidade e coloca a homossexualidade em um patamar de subjulgação, naturalizando a primeira ao mesmo tempo em que se caracteriza a segunda como algo não natural. Logo, a analítica *queer* propõe que estudar a sexualidade

“implica explorar os meandros da heteronormatividade, tanto a homofobia materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, quanto a padronização heteronormativa dos homo orientados” (MISKOLCI, 2009, p. 157).

Diante disso, pode-se dizer que *queer* se trata de um movimento subversivo, que arrisca o impensável, desestabilizando as certezas presentes nos currículos pedagógicos e nas práticas sociais dos indivíduos, ou seja, *queer* “é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do indecível” (LOURO, 2004, p. 7-

8). Além disso, a analítica *queer* lida com sujeitos sem muitas alternativas e ausentes de localidade no presente, sua força motriz está ligada a relação entre a raça e a sexualidade, uma vez que é dentro dessa relação que se cria o processo de normalização, colocando alguns indivíduos como sendo menos humanos, em síntese, abjetos (MISKOLCI, 2009).

Sendo assim, Miskolci (2009), em seu estudo sobre a analítica *queer*, descreve que existe no sistema moderno uma ideia que encara a sexualidade como um conjunto de saberes e práticas que determina toda a vida em sociedade e, por essa razão, faz-se necessário o foco na desconstrução de processos que tendem a classificar, hierarquizar e normatizar essas relações, uma vez que ao romper com esses conceitos pré-estabelecidos, principalmente no que tange a questão sobre a sexualidade, o indivíduo está rompendo com fatores normatizadores, como por exemplo, o binarismo. Ou seja, a emancipação das práticas de dominação da contemporaneidade está presente em uma visão pós-identitária e não binária das coisas, vendo essa perspectiva como a possibilidade para a construção de uma nova realidade social dentro de diferentes contextos, principalmente o organizacional (SOUZA e CARRIERI, 2010).

Souza e Carrieri (2010) ainda pontuam que a analítica *queer* vem para estudar a presença de uma visão pós-identitária que entende o processo de fragmentação do sujeito como uma alternativa para um engajamento do indivíduo em seu contexto social, reduzindo ou eliminando a repressão sofrida por ele a partir de práticas opressivas que direcionam-se à sexualidade. Logo, como evidenciado por Foucault (1988), a caracterização dos indivíduos a partir de uma diferenciação biológica não é algo comum e natural, mas um dispositivo de poder que visa manter as relações em sociedade a partir de um processo binário de normalização do sexo.

De acordo com Costa (1995), esse processo bipolar do sexo é que diferencia o homem da mulher e tenta estabelecer diferenças de comportamento entre ambos, atendendo aos interesses das classes dominantes, nesse caso, capitalistas, nacionalista e individualistas heterossexuais e brancos. Foucault (1988) analisa o sexo como sendo reduzido a um sistema daquilo que pode ou não ser praticado, marginalizando os indivíduos que não se enquadram nesse padrão, isto é, o padrão heteronormativo. Por esse motivo, pode-se considerar a analítica *queer* como uma importante ferramenta para realizar a desconstrução desses processos de normalização, uma vez que ela aponta para um entendimento de que quase todos os acontecimentos recentemente compreendidos como discrepantes de padrões sociais pré-estabelecidos não devem ser encarados como erro ou desvio, mas como diferenças resultantes de processos contínuos de inferiorização (MISKOLCI, 2009).

Assim, dentro dessa lógica binária, sempre haverá um lado que será desvalorizado e inferiorizado, sendo classificado como minoria, mas que pode ser supostamente aceito pela sociedade, pois a definição de relações sociais de sexo proposta pelo binarismo reforça essa ideia do masculino e feminino e sua concepção do desejo, a partir do determinismo biológico do sexo (LOURO, 2004). Concomitantemente a isso, a analítica *queer* vai de encontro a essa ideia e permite explorar de forma crítica e mais adequada as relações entre o indivíduo e a sociedade, a linguagem e a consciência, descentrando o sujeito de modo a complementar os determinantes sociais com a subjetividade, visando analisar e reconstruir os processos sociais (MISKOLCI, 2009).

Portanto, de acordo com Miskolci (2009), tem-se que o foco da analítica *queer* não é a defesa dos estigmatizados, mas a crítica e o rompimento com esse binarismo de relações sociais de sexo que cria o processo da estigmatização. O autor busca romper com lógicas pré-estabelecidas a partir de um processo de hierarquia e subalternização, as quais estão inseridas

em diferentes contextos e que propiciam e legitimam, muitas vezes, ações de violência e intolerância. Por esse motivo é que a analítica *queer* tem sido estudada e utilizada no meio acadêmico, pois ela mostra que as identidades estão inseridas em vivências culturais imersas em relações sociais, regidas por discursos de poder e é, naquilo que concerne sobre a questão da sexualidade, que se encontram essas diferentes relações dominantes e os discursos hegemônicos, os quais visam à manutenção da ordem (FOUCAULT, 2004).

## **A ANALÍTICA *QUEER* E SUA RELAÇÃO COM O PÓS-ESTRUTURALISMO**

Segundo Souza (2012), por abarcar um conjunto de perspectivas pós-modernas, o pós-estruturalismo engloba, em sua maioria, perspectivas que visam desconstruir relações hegemônicas de poder, que se pautam em discursos históricos pré-estabelecidos, os quais buscam manter o poder daqueles que já se encontram nele. Por isso é que se pode classificar a analítica *queer* como um conjunto de idéias, propostas por diferentes autores, que visa uma análise da normalização, interrogando a forma como as fronteiras das diferenças são construídas, mantidas e dissipadas (MISKOLCI, 2009).

Tal analítica está inserida nesse contexto pós-estruturalista e, desse modo, traz consigo as características dessa epistemologia, pois, como pontua Louro (2004), na pós-modernidade parece vital pensar nos processos mais confusos, difusos e múltiplos que compõem as relações sociais como algo a ser desconstruído e, nesse contexto, o sujeito é ele próprio dividido, fragmentado e cambiante. Então, nas palavras desse autor, mesmo que os indivíduos regressem a seu ponto de partida, após a fragmentação, eles jamais serão os mesmos.

Para Butler (2003), a emancipação do sujeito subjugado pelo discurso binário de relações sociais de sexo, conforme já citado na seção anterior, se dá a partir de um processo de desconstrução da ideia do corpo feminino e masculino, aos quais são atribuídos significados culturais. Porém, a analítica *queer*, como uma ideia pós-estruturalista, mostra que, apesar disso, a sequência é subvertida e, a partir do instante em que isso ocorre, entram em cena as relações de biopoder, as quais visam manter o domínio e a ordem daqueles que se subverteram ao padrão normalizador determinado pela biologia do sexo (FOUCAULT, 1988).

Segundo Bauman (2001), o cenário social, a fragmentação e a incerteza não podem ser vistos como algo casual e momentâneo, pois esses são os principais traços da pós-modernidade, que são encontrados na epistemologia pós-estruturalista, dentro da qual está a analítica *queer*. Nesse contexto, as relações sociais de sexo chegam como uma forma de denotar construções culturais e papéis sociais relacionados à imagem do homem e da mulher, todavia, essa imagem não pode e nem deve ser concebida como padrão, já que no contexto pós-estruturalista esse termo é inadequado. A analítica *queer*, nesse contexto, entende que o processo é incompleto e demanda reformulação, ou seja, trata-se de efeitos oriundos das instituições de poder, dos discursos existentes e das práticas históricas que no convívio social se identifica (LOURO, 2004).

Em outras palavras, Louro (2004, p. 17) aponta que

“uma matriz heterossexual delimita padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam com as regras de relações sociais de sexo e sexuais, mas também os corpos que se subvertem”.

Nos últimos séculos, inúmeras correntes epistemológicas como o determinismo e o positivismo buscaram compreender o processo de formação da sexualidade a partir dessa concepção binária de relações sociais de sexo, mas o que certamente não fica claro é que essas

mesmas áreas do conhecimento apresentam discursos hegemônicos de poder, os quais estão imbricados em uma relação quase que simbiótica na formação discursiva de alguns indivíduos. Louro (2004) descreve que se proliferam, cada vez mais, os discursos acerca do sexo, e que as diferentes sociedades permanecem inseridas em um processo de reprodução contínuo desses mesmos discursos, sendo um sobre o próprio prazer e o outro sobre o prazer do saber.

Dentro da analítica *queer* e no contexto pós-estruturalista, o maior de todos os desafios é compreender que as posições de relações sociais de sexo são diferentes e múltiplas, e que é impossível lidar com elas dentro de um esquema que polariza as coisas em masculino/feminino, ou seja, precisa-se admitir que essa fronteira vem sendo atravessadas e que existem indivíduos que vivem exatamente nela (LOURO, 2004). Por esse motivo, o autor coloca, a partir dessa analítica contra a normalização do sexo, que a homossexualidade e o sujeito homossexual foram termos criados no século XIX, pois, se antes as relações sexuais eram concebidas como algo pervertido e proibido, isto é, como algo pecaminoso e indesejável, a partir de meados daquele século, a prática sexual passa a ser descrita de forma segregacionista, marcando, reconhecendo e classificando os indivíduos a partir dos termos heterossexual/homossexual, sendo que o segundo era visto como um desvio da norma.

A analítica *queer* propõe que, nessas circunstâncias, assim como aborda Foucault (1984, 1985 e 1988), as divisões como masculino e feminino, macho e fêmea, heterossexual e homossexual, são produtos de relações de poder, não havendo uma pré-existência, ou seja, a sexualidade só pode ser estudada sob um ponto de vista histórico ou, como o próprio Foucault (1984) pontua, a partir de uma genealogia. Nesse caso, observa-se que, como já reforçado anteriormente, a sexualidade constitui-se em uma dinâmica sobre a própria sexualidade, devendo eliminar o binarismo do sexo em relação à natureza, adotando uma análise crítica sobre questões como relações sociais de sexo a partir de concepções históricas, discursivas e de significação, que irá desconstruir supostas verdades impostas sobre algumas minorias (FOUCAULT, 1996).

Por essa razão é que a analítica *queer* é considerada um conjunto de idéias pós-estruturalistas, já que ela critica esse modelo binário do sexo, rejeita a classificação dos indivíduos em identidade sexuais, combate a heteronormatividade e desnaturaliza as questões relacionadas ao sexo (SOUZA e CARRIERI, 2010). Dessa forma, como afirma Louro (2008), para o pensamento *queer*, o pólo masculino está presente no feminino e vice-versa, e isso implica compreender que cada um deles é fragmentado e dividido, sendo necessária, então, a desconstrução do binarismo de relações sociais de sexo.

Assim, o termo *queer*, que se originou, *a priori*, como um insulto a comunidade gay, passa a ser incorporado por essa corrente de pensamento, o pós-estruturalismo, que coloca a analítica *queer* como um reflexo de uma nova configuração social fragmentada, que representa o diferente, o que é subjugado, assinalado e tolerado, e, por isso, a sua forma de ação é vista como algo transgressivo e perturbador (LOURO, 2004).

Além disso, as perspectivas *queer* não devem ser consideradas como uma teoria, e sim como uma analítica, por isso a utilização desse termo no presente estudo, visto que ele engloba um processo de análise do homossexual, mostrando que as identidades sociais são efeitos de um processo construído e organizado a partir de relações de poder das classes dominantes (MISKOLCI, 2009). Nesse contexto, Louro (2004) evidencia que diversas foram as condições que propiciaram o surgimento do movimento *queer*, por isso ela precisa ser compreendida em um quadro mais amplo do pós-estruturalismo, uma vez que a analítica *queer* está vinculada ao

pensamento ocidental do século XX, que problematiza algumas noções do sujeito, como as de identidade e de agência.

Para Derrida (2004), todas as lógicas precisam ser abaladas a partir de uma ação que busca desconstruir, reverter, desestabilizar e desordenar os pares propostos pelo binarismo de relações sociais de sexo, logo, desconstruir esses discursos implica, necessariamente, em provocar, instigar, perturbar e subverter uma ordem pré-estabelecida que se pauta em discursos afirmativos. Portanto, quando se estabelece que o objetivo de uma ação deve ser o questionamento e a análise, deve-se indicar um método a ser seguido e, nesse caso, o mais adequado, de acordo com Louro (2004), é o procedimento da desconstrução.

No âmbito da sexualidade, a desconstrução da oposição binária revelaria a interdependência e a fragmentação dos pólos pré-estabelecidos, ou seja, para os teóricos da analítica *queer*, a oposição heterossexualidade/homossexualidade, no contexto pós-estruturalista, deve ser abalada e criticada por meio dos procedimentos da desconstrução (LOURO, 2004). De acordo com teóricos dessa corrente de pensamento, ao romper com essa lógica binária, devem-se desconstruir também os efeitos que dela surgem, tais como a classificação, a dominação e a exclusão, pensando nas ambigüidades, na multiplicidade e na fluidez das identidades sexuais de relações sociais de sexo, que trarão a tona novas formas de pensamento, cultura, conhecimento, poder e educação, pois como aponta Swain (2001), ao balançar as supostas verdades que definem e limitam o indivíduo, revela-se um caminho que fará surgir uma realidade múltipla.

Por esse motivo, quando Carrieri (2012) fala sobre o potencial da crítica pós-estruturalista em relação a sua possibilidade de contraposição e contestação de discursos, reitera-se o que foi dito no parágrafo anterior, ou seja, o de que a desconstrução é benéfica no sentido de ampliar e melhorar as relações em sociedade, já que traz consigo uma nova realidade. E, pelo fato de ainda existir o desprezo ao sujeito homossexual em nossa sociedade, coloca-se como fundamental compreender não apenas como se constituíram as posições de sujeito no ambiente social, mas colocar em xeque o posicionamento binário que subjaz ao regime, que se inscreve na produção do saber, na organização social, nas práticas cotidianas e no exercício do poder (LOURO, 2004).

Assim, de acordo com Louro (2004), a analítica *queer* revela que a homossexualidade é fruto de um regime de poder/saber, ou seja, ela é mais do que uma identidade social minoritária, uma vez que, por suas condições de emergência e constituição, ela configura-se, talvez, como uma política pós-identitária. Logo, na visão de Spargo (1999), o termo *queer*, utilizado para definir a analítica em questão, pode ser compreendido como algo que se contrapõe ao “normal”, pois, na lógica determinista, o sexo “natural” é visto como aquilo que é determinado pela natureza.

Desse modo, muitas das relações sociais que estão envoltas pela concepção binária de gênero acabam gerando estigmas e marginalizando as minorias que não se enquadram dentro desse padrão, pois, como evidenciado por Saraiva e Iragaray (2009), o estigma é um fenômeno socialmente construído a partir de implicações negativas, que visam à exclusão e segregação, uma vez que se funda numa relação de assimetria que atribui termos depreciativos a uma pessoa ou grupo, no caso, as minorias.

Assim, através desse conceito de estigma, o qual é gerado a partir do processo de normalização e que deve ser desconstruído pela analítica *queer*, o poder se instala, já que minorias são grupos que têm sua condição social seqüestrada, em geral, por relações

assimétricas estabelecidas e guiadas pela hegemonia masculina (BOURDIEU, 2007). Logo, conforme a perspectiva de Foucault (1996), através da desconstrução dos discursos hegemônicos e totalitários, observando o que subjaz a esses discursos, e tendo em vista o processo de emancipação do sujeito, pode-se alcançar a edificação de um mundo de singularidades que, em suma, constituirá uma convivência plural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir o objetivo desse estudo, entende-se que o processo de formação do pós-estruturalismo como uma epistemologia do mundo pós-moderno e da analítica *queer* como algo que está alocado no pós-estruturalismo ainda é latente e de grande relevância para os estudos sociológicos e para os Estudos Organizacionais em Administração, uma vez que essas perspectivas revelam preconceitos, silenciamentos e exclusões, a partir de formações discursivas hegemônicas, demonstrando também o interesse de algumas classes dominantes em manterem-se no poder.

Portanto, por ser o sujeito, no pós-estruturalismo, autônomo e não determinado pela estrutura, conforme cita Souza *et al.* (2013), correntes de pensamento, como a analítica *queer*, podem, nesse contexto, desestabilizar e romper com diversas ideologias que estabelecem relações de causa e efeito para justificar o processo de dominação. Isto é, ela pode ser vislumbrada como algo alcançável, pois torna o processo de reflexão e emancipação do ser algo necessário, já que, dentro do cenário global, a sociedade é formada por múltiplas realidades.

Assim, quando Peters (2000) refere-se ao pós-estruturalismo, o qual pauta-se no processo da problematização e questionamento do cientificismo das ciências humanas, fica evidente a importância da analítica *queer* para a edificação de uma realidade que priorize o diferente. A partir de sua análise, pode-se não só auxiliar o processo de emancipação de indivíduos subjulgados e excluídos, como também romper com os ranços históricos presentes na nossa sociedade, os quais, muitas vezes, fortaleceram e fortalecem a ideologia acerca da questão do sexo pautado no conceito binário de gênero.

Desse modo, conforme evidenciado por Louro (2004), as mudanças geradas pelo surgimento do pós-estruturalismo e das perspectivas que, em sua essência se envolvem, provocaram muitas modificações sociais no terreno da sexualidade, mas que ainda são insuficientes para evitar processos de dominação, que geram exclusão e violência. Conforme o autor, perspectivas como a analítica *queer* provocam e perturbam as formas convencionais de pensar e de conhecer, e, por essa razão, podem ser uma das ferramentas para a construção de um saber libertador.

Por fim, após todas as análises feitas em relação à analítica *queer* e sua relação com o pós-estruturalismo, sugere-se que, para futuras pesquisas, não só ela, mas outras correntes do pós-estruturalismo não aprofundadas nesse ensaio, como por exemplo, o desconstrutivismo, sejam estudadas e utilizadas para confrontar e desestabilizar os processos de dominação, a partir da desconstrução de discursos pré-estabelecidos não só em contextos como família, empresas e escolas, mas também no meio acadêmico, dentro dos quais circula o poder.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, I. L. **Introdução à filosofia da ciência**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1993.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BUTLER, J. **Bodies that Matter: on the discursive limits of sex**. New York: Routledge, 2003.
- CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. Past Postmodernism? Reflections and tentative directions. **The Academy of Management Review**, v. 24, n. 4, p. 649-671, 1999.
- CARRIERI, A. P. A gestão ordinária. 2012. **Tese** (Tese para concurso de Prof. Titular) – Faculdade de Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- COSTA, J. F. **A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Escuta, 1995.
- DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. Estruturalismo e Pós-estruturalismo. In: MICHEL, F. **A arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Fontes Universitária, 2002.
- FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: FOUCAULT, M. (Ed.), **Ética, sexualidade, política** (pp. 264-287). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GAMSON, J. Must Identity Movements Self-Destruct: A Queer Dilemma. In: SEIDMAN, S. **Queer Theory/Sociology**. Malden: Blackwell, p.395-419 1996.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.
- JAMESON, F. **Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism**. London: New York, 1991.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.
- LACLAU, E. Identity and hegemony. In: BUTLER, J.; LACLAU, E.; ZIZEK, S. (Orgs.), **Contingency, hegemony, universality: contemporary dialogues on the left**. London: Verso, p. 44-89, 2000.

- LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MENDONÇA, D. A impossibilidade da emancipação: notas a partir da teoria do discurso. In MENDONÇA, D; RODRIGUES, L. P. (Orgs.), **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: em torno de Ernesto Laclau**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 63-70, 2008.
- MISKOLCI, R. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, v. 11, n. 21, p. 150-182, 2009.
- NEWMAN, S. **Power and politics in poststructuralist thought: new theories of the political**. London: Routledge, 2005.
- PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- RAJAGOPALAN, K. Review of FREDERICK ERICKSON. *Talk and Social Theory*. Cambridge: Polity. 2004. 228 pp. **Journal of Sociolinguistics**, v. 10, n. 3, 2006, p. 412-416.
- ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. S. (Org.), **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 1997, p. 19-24.
- SARAIVA, L. A. S.; IRIGARAY, H. A. D. R. Políticas de diversidade nas organizações: uma questão de discurso?. **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 3, p. 337-348, 2009.
- SEDGWICK, E. K. A Epistemologia do Armário. In: **Cadernos Pagu**. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.
- SEIDMAN, S. **Queer Theory/Sociology**. Malden: Blackwell, 1996.
- SOUZA, E. M. Pós-modernidade nos estudos organizacionais: equívocos, antagonismos e dilemas. **Cadernos EBAPE.BR**, 10(2), 270-283, 2012.
- SOUZA, E. M.; CARRIERI, A. P. A analítica *Queer* e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 3, art. 2, p. 46-70, 2010.
- SOUZA, E. M.; SOUZA, S. P.; SILVA, A. R. L. O pós-estruturalismo e os estudos críticos de gestão: da busca pela emancipação à constituição do sujeito. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, n. 2, p. 198-217, 2013.
- SPARGO, T. **Foucault and Queer Theory**. Nova York: Totem Books, 1999.
- SWAIN, T. N. Para além do binário: os *queers* e o heterogêneo. **Gênero**, Niterói, v. 2, n. 1, p. 87-98, 2. sem. 2001.